

O HERALDO

Director, proprietario e administrador
JOSE MARIA DOS SANTOS ANTIGO 'JORNAL DE ANNUNCIOS'
 RUA NOVA PEQUENA, 1 E 8

Redacção, administração, composição e impressão
 TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
 RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

O TRATADO

Apesar de termos entrado em tempo de tristezas, a noticia que hoje nos serve de assumpto principal é sobremodo agradável. Trata-se da approvação definitiva de um tratado commercial que importando beneficios excepcionaes para a nossa provincia, favorece tambem e em grande escala, o consumo vantajoso dos mais abundantes productos do paiz.

Não se conhece, em todos os pormenores, o tratado entre Portugal e a Allemanha. Mas a prova de que nos traz vantagens, e grandes, é que foi vivamente combatido n'aquelle paiz—onde se reputou prejudicial, chegando um deputado a exclamar que a Allemanha deu todas as vantagens a Portugal sem que este as retribuísse. Não diremos que seja rigorosamente assim. Ha de haver beneficios mutuos, de parte a parte concedidos, mas já esta circumstancia é lisonjeira para nós, sabendo-se, como se sabe, que as grandes potencias para si querem sempre tomar a parte do leão.

Uma das maiorés vantagens, que Portugal alcançou, foi a fixação d'este principio legal: que os unicos vinhos legitimos, com as designações de *Porto* e *Madeira*, são os originarios das regiões do Douro e da Ilha da Madeira. A usurpação d'essas designações por fabricantes de vinho de outras procedencias ficará representando uma violação do direito de propriedade de marcas regionaes.

Ora, esta clausula deixa fechado o mercado allemão ás falsificações d'esses nossos vinhos—falsificações que tinham um centro importantissimo em Hamburgo, quer por se fazerem alli mesmo, n'esse grande emporio industrial e commercial da Allemanha, quer por serem alli os principaes depositos das que se praticavam até agora em Hespanha, em nosso prejuizo. Mais ainda: pelo tratado, os vinhos do Porto e da Madeira passam a pagar n'aquelle paiz, de direitos apenas vinte marcos, ou seja uma libra esterlina, por cada cem kilogramas, quando, até agora, pagavam trinta marcos—favor pautal este que só tem gosado na Allemanha os vinhos italianos de Marsalla e que se estende agora a todos os vinhos portuguezes, que vão ter mais um grande campo aberto á sua exportação.

Quanto á penalidade, imposta aos falsificadores de marcas reconhecidas portuguezas, será esta: multa de cento e sessenta a cinco mil marcos ou prisão até seis meses.

E outro producto ainda, da agricultura portugueza, é atingido por beneficiação pautal na Allemanha: o azeite.

Até agora, só os azeites italianos e austro-hungaros podiam alli ser vendidos sem prévia analyse nas

estações competentes do imperio. Agora, o azeite portuguez gosará do mesmo privilegio, fazendo-se fé apenas pelos certificados das nossas estações officiaes que os acompanhem—vantagem esta que junta ao beneficio pautal, muito concorrerá tambem para alargar a exportação portugueza d'esse nosso excellente producto para os mercados allemães.

As fructas portuguezas, constituindo já um ramo de commercio importantissimo, igualmente veem facilitada a sua exportação.

De onde se conclue—e não pode ser mais agradável a noticia—que se iniciou, enfim, uma politica economica internacional, destinada a desanuviar o nebuloso futuro que espiritos pessimistas para ahi annunciavam.

O tratado com a Allemanha será a base para a negociação de tratados identicos com outros paizes—e base que nos colloca em condições de exigir vantagens consideraveis.

Pudéssemos nós dar aos leitores, todas as semanas, uma noticia assim!

DR. JOSE TEIXEIRA D'AZEVEDO

A fim de assistir á cerimonia da posse do novo prior da egreja parochial de Porches, o distincto sacerdote e nosso estimavel amigo rev. João Chrysostomo de Freitas Barros, chegou na manhã de domingo ultimo a Lagôa o sr. dr. José Teixeira de Azevedo, deputado ás côrtes por este circulo eleitoral. Durante a sua estada n'aquella villa o dr. Teixeira d'Azevedo foi hospede do valioso e delicado regenerador sr. José Bernardino de Sousa Correia, irmão do sr. André Trindade de Sousa Correia, ambos dirigentes do mesmo partido n'aquelle concelho, recebendo os cumprimentos de muitos dos seus correligionarios.

Na segunda feira o prestimoso deputado algarvio veio por Loulé e S. Braz d'Alportel a Santa Catharina da Fonte do Bispo, onde visitou o nosso presado amigo sr. João Antonio Pacheco, o maior influente eleitoral d'aquella populosa freguezia, chegando na noite a esta cidade, d'onde regressou a Lisboa na tarde de terça feira.

O dr. Teixeira d'Azevedo volta muito brevemente a esta cidade.

CORRESPONDENCIA REGISTRADA NA LUZ

Tem causado desagradavel impressão nas freguezias da Luz e Santo Estevão d'este concelho o facto de ter sido supprimida na primeira das duas freguezias a correspondencia registada, recebida ou expedida, por não haver quem d'esse serviço se encarregue sem remuneração. Sabemos que a pedido do povo d'aquellas freguezias especialmente os commerciantes e negociantes, já reuniu a Junta de Parochia da Luz, no sentido de se pedirem promptas providencias sobre o assumpto, que bem merece ser attendido.

NOTICIAS JUDICIAES

Foi nomeado notario para a comarca de Loulé o sr. dr. João Augusto de Meilo e Sabbo que, segundo nos consta, não irá exercer aquelle logar, continuando, em commissão, no logar de administrador d'este concelho.

O nosso Algarve

Sociedade de Tracção Electrica entre Loulé, S. Braz e Faro—Mallogro definitivo?—O imposto camarario, o projecto de lei e o que o governo devia fazer—Os nossos capitães—Cultura da vinha e fabricação de vinhos—A rotina da viticultura algarvia—O Algarve e o Douro—Apreciações velhas e commentarios novos—Bons conselhos não faltam, etc., etc., etc.

Dissemos no nosso anterior artigo que a Sociedade de Tracção Electrica entre Loulé, S. Braz e Faro, pelos elementos que exige para iniciar os trabalhos, corre perigo imminente de ver inutilizada a sua iniciativa.

Contava ella com effeito que fosse lançado um imposto de 1% sobre a importação e exportação das mercadorias da provincia, cuja importancia reverteria para os concelhos d'onde resultasse esse movimento, que d'essa receita se aproveitassem os respectivos municipios para um certo numero d'obras de utilidade publica,—á excepção unica dos de Faro e de Loulé, que reservariam as suas verbas para assegurarem durante 70 annos a garantia do juro do emprestimo que a mesma Sociedade contrahiria á taxa de 4 1/2%.

Foi realmente apresentada na camara, na ultima sessão, esta proposta de lei, mas a sua discussão ficou addiada, e ninguem poderá dizer quando voltará novamente á teta como já tivemos occasião de fazer notar.

Mas dado que fosse renovada, na sua discussão haviam necessariamente de surgir graves contrariedades, que se oppuzessem a ser convertida em lei.

Começaremos por advertir que não foi geral, nem se quer da maioria dos commerciantes algarvios, e só poderia partir d'um limitado numero, a petição do lançamento d'aquelle imposto. Por isso era de contar com a representação dos lesados, que já não podem carregar com o peso d'outros impostos que os oneram.

Depois constituia uma flagrante injustiça o tratamento inflingido aos concelhos exceptuados, negando-lhes o que se permitia aos restantes, por um praso tão demorado e representando um capital elevadissimo,—9 contos annuaes a cada um,—para o beneficio exclusivo d'uma empresa particular!

Não era aos municipios do Algarve, e muito menos a dois d'elles isoladamente, que se devia pedir a garantia, que elles não estão em circumstancias de prestar,—mas sim ao Governo, que tem feito concessões d'essa especie e que está no direito e na possibilidade de as realisar, sendo certo que lhe incumbia acudir pelo progresso material do paiz.

D'este modo prejudicados necessariamente os meios em que a Sociedade de Tracção Electrica fiava os seus planos, e reconhecida a utilidade d'elles, seria sensato que ella angariasse capitães no reino, e ainda melhor, na provincia, que dispensassem aquelle apuro de responsabilidade na segurança de que obteriam lucros capazes de fazerem face ás despesas,—ou que renunciasse a favor d'outros capitalistas d'esta região, mórmente da parte que mais aproveitaria com o novo

melhoramento, que se deliberassem a levar-o á execução.

Não haverá então animo para proceder a este valioso auxiliar do nosso fomento economico, que serviria manifestamente o commercio, e mais tenderia a tornar conhecidas as bellezas d'esta mimosa orla do sul do Atlantico?

* * *

A muitas outras causas d'engrandecimento da nossa zona privilegiada se pode ainda estender a acção efficaz dos nossos agricultores e capitalistas, produzindo uma completa melhoria na apparencia pittoresca da provincia e nas condições, hoje laboriosas, em que se debate o nosso viver amesquinhado.

Referimo-nos á cultura mais ampla da vinha e á fabricação do vinho, por processos que augmentassem o seu apreço para o consumo lá fora e o seu aproveitamento para a conversão em vinhos, dando margem a quantiosos proventos.

Em muitos pontos da serra podia desenvolver-se com maior latitude a viticultura com optimos resultados, e a applicação da uva ao preparo do generoso licor padece muito do trato rotineiro, filho da ignorancia e da indolencia, que tanto uma como outra concorrem em alto grau para lhe tirar o elevado merecimento que deveria ter em razão da excellencia do solo e do clima.

Leiam-se as considerações que expõe a este respeito o sr. Joaquim Ferreira Moutinho no seu interessante livro «O Algarve».

«... em quasi todo o Algarve florescem excellentes parreiras que produzem uva de muito boa qualidade e, por consequencia, bom vinho.

«Nada fica a dever o Algarve ao Douro, e talvez por contrario lhe levasse as lampas n'este sentido se houvesse mais cuidado, mais escrupulo e algo de proficiencia no plantio, em sitio demasiadamente denso; nas podas irregularissimas e nas empas, quasi alli desconhecidas, como são as espontas e as espodras.

«No acto do fabrico do vinho dão-se lacunas enormes, descuidos extraordinarios, erros crassos, resultando que a produção, eivada de vicios, é naturalmente doentia e compromettedora das boas condições naturaes.

«A operação da pisa é má; o desengace é pessimo e a fermentação incompleta, defeituosissima. «Consequencia fatal:—um vinho sem tannino, sem côr, sem bouquet, sem corpo...

«O vinho do Algarve bebe-se alli; consome-se alli; não tem ainda exportação, e, por consequencia, não tem aspirações.

«Ha-de tel-as, que largos horizontes se lhe destinam».

No seu tratado de «Tecnologia rural», o illustre extinto Ferreira Lapa, escreveu:

Chegamos á ultima região vinícola do continente do reino, a do Algarve, que é a menos productiva em vinhos, e talvez uma das mais atrazadas na boa arte da vinificação. E comtudo depois da região do Douro, não vejo nenhum canto do paiz que como este podese produzir vinhos mais finos e generosos, alem de muita variedade em vinhos medianos de pasto. Com effeito, pela sua posição geographica, pelo abrigo da alta cordilheira que a defende pelo lado do norte, pela sua exposição sul, e pela proximidade do Oceano, é o Algarve uma região temperada, quente, propicia á boa maturação da uva e á naturalisação das castas preciosas que exigem maior grau de coloração no fructo.

Vê-se pois que a pobreza do vinho e a sua qualidade, aliás agradável aos consumidores da provincia, embora não dotados de propriedades de conservação e resistencia ás viagens não procedem de causas que não sejam removiveis com um systema de plantação mais vasta e de fabrico dirigido pelo estudo da theoria e observação dos conselhos auctorizados dos nossos oenologos. Assim, obedecendo a estes preceitos, e posta de parte a apathia que nos paralysa a coragem, os que dispõem de avantajados meios de fortuna poderão fazer brotar d'este terreno uma nova fonte de prosperidade, compensadora do seu trabalho e do dinheiro empregado afim de realizal-a.

Os vinhos demasiadamente alcoolicos podem ainda empregar-se na fabricação dos cognacs, cujo consumo é universal, e que por ser genuino supplantaria os productos do mesmo nome, que se extraem das batatas, dos cereaes, etc., e que por isso são adulterados. Varios ensaios tem sido já obtidos com esplendido resultado; e á iniciativa bem avisada cumpre agora generalisar a pratica, dando-lhe os fóros de industria florescente que corresponderá abundantemente aos esforços e cuidados de quem se proponha exploral-a com a serieidade requerida.

ECHOS

Quatro dias vão já passados desde que por uma fria manhã d'este fevereiro que corre entre banções de sol e pragas de lavradores, o Carnaval exbalou o ultimo suspiro, levando consigo para as profundas do Passado, não diremos já uma alegria estouvada e efusiva, porque a não houve, mas, ao menos, o bulicio festivo dos tres dias ultimos com as suas munições, um tanto limitadas, de confetti, de flores, de bom-bons e de serpentinas. Este anno, certamente, não terá elle motivo para queixas de grande fadiga, não já pelos poucos dias de reinado, como porque ua mór parte do tempo em que se exhibiu, andou repimpado de trem e demais a mais em trem garridamente decorado, não tendo que empregar grande esforço muscular para a batalha em que se entreteve e onde os selvaticos e antigos projectis de tísna, de talos de couve, de estrume e de ovos de cioza foram galhardamente substituidos, como já o tinham sido o anno passado, pelos appetrechos inoffensivos de uma batalha com fóros de vivilisada: papelinhos, bouquets de violetas e de jiriquilho, saquinhos de bom-bons, serpentinas, etc., etc.

Morreu, como de costume, na madrugada de quarta feira de cinza, e

logo que a sua morte se tornou publica, os padres subiram ao altar e ferindo-nos a vaedade das grandezas humanas, jogaram sobre nós, com o ritual liturgico do costume, este pregão de penitencia: *Memento homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris* (Lembra-te, homem, de que és pó e cinza, e em pó e cinza te lias de converter).

Está, pois, proclamada a Quaresma, o tempo santo, com o sequito habitual das procissões, dos jejuns, das bulas e dos confessorios... para quem quiser. Nós não os queremos, mas isso não impede de dizermos ás nossas leitoras que é chegada a oportunidade de se redimirem dos seus peccadilhos. E quantos d'elles o Carnaval, com as suas mascaradas, a sua batalha e os seus bailes, não teriam originado!

A imitação das curiosas chronicas que com o titulo de *In illo tempore* o saudoso Triunfo do Coelho publicou em tempo sobre cousas de Coimbra, começa hoje um nusso amigo e tambem distincto magistrado d'esta provincia, a publicar no *Heraldo* uma serie de chronicas da mesma natureza.

Estamos certos de que, como aquellas, as chronicas do nosso collaborador, hão de, pela sua novidade, interessar os leitores d'este jornal.

Conselheiro Teixeira de Sousa

E' ponto assente que o illustre chefe do partido regenerador, sr. conselheiro Teixeira de Sousa, percorrerá brevemente as provincias do paiz para conhecer de perto os principaes nucleos do seu partido e com elles trocar impressões sobre a orientação a seguir no sentido de se fortalecer e consolidar a importante agremiação partidaria a que preside, e que trudo a honrosa tradição de ter prestado ao paiz os mais relevantes e assignalados serviços, reservada ainda está, certamente, para trazer-lhe novos dias de prosperidade, de paz, de bom conceito mundial e de engrandecimento.

Consta-nos não estarem definitivamente assentes o dia e provincia por onde o considerado estadista iniciará as suas visitas, mas talvez não andemos longe da verdade dizendo que será o Algarve o primeiro districto visitado, n'alguns dos ultimos dias do actual mez ou nos primeiros do mez immediato. E' muito provavel que o sr. conselheiro Teixeira de Sousa, que n'esta peregrinação apenas tem o desejo de estreitar relações com os seus correligionarios, expondo-lhe as suas ideias de partido e de governo e evitando-se a excessivas manifestações de recepção ou de ruído caracter festivo, não percorra os concelhos do districto e sim procure reunir em Faro os seus principaes correligionarios do Algarve e ali possa trocar com elles as impressões politicas que constituem o fim primacial da sua visita.

*

Ia o nosso jornal entrar na machina quando uma noticia telegraphica nos trouxe a confirmação das paravras que deixamos escriptas. O sr. conselheiro Teixeira de Sousa parte de Lisboa para Faro no rapido do proximo dia 23 e ali se demorará até á partida do comboio correio do dia immediato em que regressará á capital, depois de ter presidido á uma reunião de muitos correligionarios da provincia e que se effectuará á 1 hora da tarde d'esse mesmo dia. Durante a sua estada em Faro o sr. conselheiro Teixeira de Sousa será hospede do illustre chefe do partido regenerador n'aquella cidade sr. conde do Cabo de Santa Maria.

Inspecção aos reservistas

São nos dias abaixo designados que se devem realizar no concelho de Tavira as inspecções aos reservistas para o proximo anno de 1910:

Cachopo, — 13 de Fevereiro.
Santo Estevão, — 13 de Fevereiro.
Santa Maria do Castello, — 20 de Fevereiro.
S. Thiago de Tavira, — 27 de Fevereiro.

CARNAVAL

Este anno o Carnaval teve a rapidez vertiginosa do assinstador cometa de Valley. Quinta feira de amigos quasi pegou com o Natal e Anno Bom e quando o S. Sebastião — que é quem entre nós abre a temporada a rigor, — nos trouxe as primeiras mascaradas e as primeiras phrasas de entrudo, já o domingo magro nos batia á porta e logo atraz d'elle, com a velocidade anciosa e desvairada das horas folientas, os tres magnos dias gordos que fecham na folhinha, definitiva e irrevogavelmente, o burlesco reinado desse velho folião que é o rei Carnaval. As mascaradas, pois, quasi nem tiveram tempo de vestir-se e por isso os nossos olhos passaram a epoca sem depararem n'uma só mascara de gosto; apenas os tradicionais dominós com colchas de algodão, as velhas de capote e lenço, alguns ranchinhos de serrenhos, um ou outro moiro da *Moirama* e, finalmente, o varino, o varino vulgar do Lineu, que está hoje reconhecido como o mais simples, o melhor e o mais confortavel costume de mascaradas que se mascararam para ver e não para serem vistas. Casas que recebessem apenas a do sr. Antonio da Conceição Chaves, na Praça da Alagôa, o *Club Tavirense*, na Corredoura, e, ultimamente, os *Namarraes*, no alto de Sant' Anna, os *Limpinhos*, no Largo de S. Francisco e o *Gremio Tavirense*, na Rua Nova Grande.

Nos *Namarraes* houve bailes publicos que a principio estiveram desanimados, receiando-se muito pela má sorte da tentativa, mas que depois, passada a indecisão das primeiras experiencias em que ninguem vae á espera que os outros vão, tomaram voga de entusiasmo e a tal ponto que nas ultimas noites, alem de dança animada até de manhã, houve serviço regular de bufete, só faltando para *couplet* final de uma esturdia de bohemia palaqueira os indispensaveis camarões... e gabinete reservado.

Nos clubs de sociedade os bailes dividiram-se ultimamente em tres categorias distinctas. Ha os bailes propriamente ditos, que exigem todas as regras protocolares: distincção, boas maneiras, casaca, toilettes de luxo, decotes, orchestra, marças francezas e serviço de tom de duas em duas horas; as *reuniões familiares*, com fato de passeio ou de visita, piano e dois ou tres instrumentos, permissão de gracinhas entre os pares dançantes e apenas serviço de chá e fatias á meia noite e outro de *sandwiches*, vinhos e bananas lá para as duas ou tres horas da madrugada; e, finalmente, os bailes *recebem-se mascaradas*, pretexto para reunião intima, onde se dança ao simples accorde do piano tocado por amadores ou amadoras e onde o serviço de cõpa se limita a um copo de agna da praia ou de Monte Gordo, conforme a que é habitual nas respectivas sociedades.

Este anno não houve bailes de primeira categoria. *Reuniões familiares* houve no *Gremio* domingo gordo e terça feira de entrudo e no *Club* na segunda feira gorda. Bailes *recebem-se mascaradas* houve uma noite no *Gremio* e varias noites no *Club*.

Na tarde de domingo gordo houve, tal como no anno passado, batalha de flores. Se em qualquer localidade onde tivesse havido d'estas batalhas o leitor perguntar qual a que decorreu melhor, depressa lhe responderão, tanto n'uma como em todas outras localidades, que a melhor foi... a primeira. Esta tem sempre a seu favor o exito do imprevisto e do original; as outras, para corresponderem a esse exito, tem de progredir muito no requinte do gosto e na arte de decoração... e isso é difficil, talvez dispendioso e nem sempre vale a pena.

Este anno a batalha de flores não foi superior á do anno passado: nem na solemnidade do aspecto, nem no gosto dos carros, nem no ardor da refrega, mas sobretudo o que mais a fez esmorecer da anterior foi a falta de *imprevisto*, que na batalha do anno passado produziu no publico uma impressão intensamente agradável e que nunca mais se poderá repetir em diversão identica. Da outra vez pudemos denominar os car-

ros, porque quasi todos elles tinham um tique especial que os diferenciava uns dos outros, ou pela cor, ou pela arte ou pelo gosto. Este anno não succedeu assim; com excepção de dois ou tres que se distinguiram e destacavam bizarramente, os mais cediam quasi todos a um mesmo sentido de ornamentação.

O automovel do sr. Carlos Marques, todo coberto de plumas brancas, na forma gentil de um *Cysne*, consequiu o apreço do publico.

Dos carros mereceu as honras de preferencia o *mylord* do sr. D. Manuel Solesio Pronstroller, com larga profusão de allegorias, *non-pons* e *panderetas* symbolicas que, no sentido da sua decoração, exprimiam um amplo abraço de intima e cordial alliança entre Portugal e Hespanha. D. Manuel, que nunca se dispensa de cooperar n'estas festas com a sua prodiga boa vontade, caprichou em apresentar um carro que se distinguia não só pela opulencia decorativa como pelo cordeal significado que lhe presidia, expresso mesmo nos mais pequenos detalhes da ornamentação.

O carro do sr. Mello Trindade destacava-se pela galanteria preciosa do seu conjunto. Era um carrinho aristocrata, posto do cocheiro ás rodas com uma extrema delicadeza de arte; qualquer cousa de requintado estylo francez nos faustos de algum rei Luiz. Parecia um mimo de Versailles perdido na nossa modesta Praça da Constituição.

Tudo adornado de flores naturaes, com apreciavel disposição; tambem vimos o carro da familia Chaves.

A *charrette* do dr. Silvestre Falcão, toda enfeitada de gira-sões, tambem produzia excellente effeito.

Havia ainda muitos outros carros, uns ornamentados outros não, e que tanto no domingo como nos restantes dois dias do Carnaval andaram pelas principaes ruas da cidade, tendo se batalhado duodadadamente.

Eram, ao todo, 22 carros, conduzindo os seguintes batalhadores:

D. Manoel Solesio Pronstroller, esposa e *mademoiselle* Navarro.

Dr. João Salbo, esposa e D. Maria Amado da Cunha.

Berredo Falcão e esposa.

Mello Trindade e esposa.

Dr. Silvestre Falcão e esposa. D. Joaquina Coutinho e D. Maria Sanches de Castro.

Dr. Fructoso da Silva e esposa, Luiz Rebello e a menina Irene Ayala.

D. Maria Adelaide Marinho, D. Maria Cansado e D. Maria da Estrella.

D. Maria Pires Soares Aguas e filhas e D. Maria João Ribeiro.

Gama Pinto, esposa e filhos, D. Laura Raphael, D. Analia Machado Rapahel e filhinha.

Sebastião Estacio Tello, esposa e filhos e D. Maria-José Teixeira.

João Abel Teixeira, esposa, filha e sobrinha D. Rachel.

João Parreira, esposa, e filhos.

Joaquim Barrot Trindade e filho.

Carlos Primo Marques e D. Carlota Marques Trindade.

Luiz Parreira e Joaquim Neves.

D. Maria Peres Rôjo e D. Esther Machado.

D. Beatriz d'Almeida Marques, D. Alda Neves e D. Thereza Neves.

Dr. Frederico Chagas, José Manoel Ceuteno, José Santos e Antonio Santos.

D. Isabel e D. Virginia Chaves e D. Thereza e D. Estella Lemos.

João de Padua Cruz, esposa e filha e D. Julia Pessoa.

Antonio Fonseca, José Viegas

Mansinho e Marcellino Cypriano (os *Patihés*).

Paco e Manoel Solesio Padinha e Celso Ferreira.

Andaram tambem na batalha, montando a cavallo, a sr.^a D. Ilda Cansado, vestida de *amazona* e os srs. Jayme Cansado e Matheus Marques d'Azevedo.

JOSÉ TEIXEIRA D'AZEVEDO

Advogado

Rua do Ouro, 149, 2.^o

LISBOA

Questão juridica

O Tribunal da Relação de Lisboa julgou, na sua sessão de 4 do corrente mez, a appelação civil interposta pelo nosso presado amigo sr. João Antonio Pacheco, de Santa Catharina, da sentença proferida na acção ordinaria que contra elle intentou, n'esta comarca, a sr.^a Barbara da Fonseca.

A sentença recorrida julgou a acção procedente e provada, condemnando, por isso, o R. no pedido; o accordão da Relação, revogando aquella sentença, julgou a acção improcedente, absolvendo o R. Por esta tão justa decisão felicitamos não só o nosso estimavel amigo sr. João Antonio Pacheco, como tambem o seu advogado perante o Tribunal da Relação, sr. dr. José Teixeira de Azevedo que, segundo a opinião de magistrados illustres, teve n'esta causa o seu mais brilhante trabalho juridico e um dos seus mais justificados triumphos.

CANDIDO GUERREIRO

Pela nomeação de notario publico para Loulé, com que acaba de ser agraciado pelo actual governo progressista, em cujo partido sabemos ter-se filiado ha dias, felicitamos o nosso amigo sr. dr. Candido Guerreiro, o delicado e mystico poeta dos *Sonetos* e *Ave-Marias* e nosso apreciavel confrade da imprensa algarvia.

HOJE:

KINEMATOPHOTO

Sensacional fita d'arte

O MEDO

e amagica colorida

VINDIMA

e a fita d'arte, com 307 metros

VIOLEIRO DE CRAMONA

OS QUE MORREM

Falleceu hontem n'esta cidade D. Maria da Encarnação Magalhães Gama viuva do antigo professor particular Francisco de Paula Gama, mãe do 1.^o sargento d'infanteria sr. Joaquim Pedro Magalhães Gama e irmã do sr. Vicente Xavier de Magalhães.

EXPLICADOR

José Joaquim da Costa Macedo, professor particular d'ensino secundario em Faro, habilita para exame de qualquer das secções do lycen alumnos externos, singularmente ou em classe; bem como prepara os internos de todas as classes com as lições que hão de dar no dia immediato.

Habilita igualmente em mathematica e sciencias os alumnos externos para exame do curso complementar nos lyceus centraes.

Acha-se igualmente habilitado para preparar alumnos nas materias do 2.^o anno do Curso de Telegraphia Pratica afim de fazerem o respectivo exame na epoca propria, em Lisboa abrindo o curso no mez proprio.

CARTA DE FARO

ECUOS DO CARNAVAL.—FARINHA, BELDADDES, NARIZ DE PAPELÃO E MAGNATES DE «MITHRA» E «GAITA»—O QUE FOI O ANTIGO CARNAVAL FARENSE B O QUE É HOJE—OS AGUERRIDOS BATALHÕES DE... ENFARINHADORES—AS LINDAS MULHERES DE OUTRORA—OS «ELLES». AS «ELLAS» E A CARECA DO SR. NETTO —FARO PREHISTORICA, ISTO É, ANTES DO «BACALHAU» E DA ALAMEDA—A ESCURA RUA DAS LOJAS—SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DO EXTINGTIO LYCEU DE FARO—ANTES DA INVASÃO DOS «GANHÕES»—PROFESSORES E... «PROFESSORECOS»—SALTOS E PULOS—TRAÇOS DO DR. JERONYMO BIVAR, PADRE VIVAS, ABILIO, VICENTE, OSORIO, GOMES E RODRIGUES—O CONTINUO PERREIRA—DE TANTO RECORDAR O PASSADO CHORAM OS OLHOS AO CHRONISTA—OS MISANTROPOS MACAMBUSIOS E A ESCOLA «LYSTERIANA»—O EÇA NO «HERALDO»—RISO E RISADAS—PLENO ENTRUDO—A «PARODIA DO IDEAL»—A SR. EMBIRRA E O SEU «INSEPARAVEL»—ASSIGNALANDO A GRATIDÃO, ETC., ETC., ETC.

Escrevo sob as impressões colhidas neste semsaborão Entrudo de que finalmente já estamos livres! Puf! *Qui maceda!*

Ainda tenho a cabeça toda empoadada, como se fosse mistér farinha, —ou lá o que foi que me atiraram duas gentis damas, alli perto do *Farense*, —para branquear o meu cabelo!

Aqui estampo o meu eterno reconhecimento ás duas beldades, as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Z... e D. Y..., pela distincção concedida, mas aqui tambem as fico lamentando por me terem feito alvo da sua alva farinha, sim, porque eu, como diz o *outro*, já não sei dançar.

Isto já foi chão que deu vinha... agora...

Mas, continuando: Aqui, sobre a minha mesa de trabalho, expira, — amachucado e torcido, mais torcido que os planos politicos de muitos *magnates* de tom e de... mitra e gaita, — um enorme nariz carnavalesco, com que me exhibi nestes dias, numa homenagem patustica, mas sincera ao sr. conselheiro Beirão.

E digo *expira* — porque a sua morte fatal será amanhã, no barril do lixo, fim prosaico de tanta coisa que logrou despertar a attenção do ei.commodativo bicho chamado homem!

Agora, no fim deste Carnaval farense, após esta sensaboria monôtona, irritante e pèrfida, quem, como eu, tomou parte activa nos carnavaes preteritos — bons tempos! — não pode abster-se de um voto de censura a tudo isso que para ahí vimos!

Como tudo está hoje mudado!

Nostris temporibus nos tres dias de Entrudo ninguem parava e a rapaziada fina, em cujo numero se contava o modesto rabisador destas linhas, logo de manhã, com fatos claros por via da farinha, formava em aguerridos batalhões que percorriam as ruas, assaltando as casas quasi de porta em porta, para enfarinhar quantas carinhas lindas por lá se abrigavam!

E é que havia esplendidos typos de mulher, em Faro, nesses tempos, Deus louvado!

Aquillo era um delirio, mas innocente, sem *duble sens*, sem *piadas chulas* nem *apalões* equivocados!

Os papás das jovens, todos derretidos perante o entusiasmo que as beldades filhas das suas entranhas, em nós outras despertavam babavam-se de goso!

Mais de um, até, correu sollicito, a fornecer farinha aos proprios assaltantes dos seus pacatos lares!

Mas tambem, não havia abusos. Os *elles* não podiam ser mais candidos, as *ellas* mal sabiam ler por cima.

Isto succedia noutra tempo. Muito antes de ter começado a despontar a incipiente careca do sr. Netto e ainda menos o grande tacto politico do seu fiel *Achatis*, então sob o dominio salutar da respectiva paternidade.

Bom tempo! Nem sequer existia o tão afamado *bacalhau* que Deus haja, a alameda era um barrocal

bravio sem jardim, sem matadouro nem estabelecimento physico-recreativo e não pejavam as ruas tantos mariolos de exportação!

A' noite, era perigoso para as ventas, atravessar a rua das lojas! Escura que nem breu e a alma de certos pedagogos avariados que por ali ha.

Nesse tempo, a rapaziada venerava os seus mestres, dignos sob todos os pontos de vista. Não tinham sido ainda invadidas as cathedras lyceas pela horda feróz dos ganhões nem dos patetas das luminarias.

Não havia tanto professor, tanto professorco, nem tantas disciplinas, mas tinhamos mestres a valer, que sabiam onde punham as mãos e o que disiam.

Em lugar de jactancias, saltos e pulinhos, sorrisos equivocados, havia na aula de physica, a physionomia austera do bondoso Dr. Jeronymo de Bivar, um bello character, um bom, um são, benevolo sem ser relaxado e que conquistava a sympathia dos alumnos sem pôr os collegas á rasa nem passear com os rapazes em barquinho pela ria á pesca de berbigão!

Em francês, o bom do padre mestre Vivas, que sabia de mil linguas e gostava de faser discursos em que as mettia todas—dava sota e az á rapaziada.

Que piadas finas as suas! Que chiste! Que bom, que magnifico sal atico era o de que se servia para polvilhar as suas referencias ao Dr. Abilio e ao Vicente, os dois collegas com quem solenemente emburrava, posto que sem razão.. Uma vez, em Estoy, onde tinha ido passar as ferias, o bom do Vivas poz-se a gritar á janella:

—Fôche maldictol Fôchel! Accudiu toda a gente a saber a causa da berrata do padre mestre.

E, vae elle então, apontando para um pacifico corvo que esgravatava debaixo das janellas, gritou: —E' o Bicente! Não vem o Bicente! O maldicto até em figura de passaro me persegue!

Mas, apesar da galhofa continua que pairava nas suas aulas em que se chegou a cantar á Marseilha e outros hymnos revolucionarios, a Maria Cachuxa, a Rosa Tyranna e outras modinhas populares, quem, no fim do anno, obtinha approvação em francês, ficava sabendo, coisa nunca mais vista desde então, apesar da excellencia dos methodos empregados, methodos de berliques e berloques na classificação pittoresca do nosso velho amigo José Judice, ao tempo aspirante a escriptão da camara de Silves e mais tarde professor—mas a valer, professor de qualidad no extincto lyceu de Faro.

Em latin tivemos o padre mestre Osorio, que sabia a valer e que pacientemente nos ia iniciando nos segredos mirificos da lingua de Virgilio—não confundir com o sr. dr. Virgilio que, só a muito custo, logrou passar em tal disciplina, segundo particularmente nos asseverou.

Em desenho tivemos o bom Gomes, tão modesto como sabedor e mais tarde o Rodrigues—O vende estampas,—um incorrigivel bohemio com a mania da locomoção e da piada satyrica que grangeou fama pelas tôsas fortes com que desancava os habitos selvagens desta nobre cidade da Virgem e pela critica com que mordiscava a bisonhice dos seus collegas.

Ambos foram excellentes professores. Sabiam tanto do officio que até emendavam os trabalhos dos alumnos!

Em português, tinhamos o Vicente, que apesar de ser um tanto casca grossa, era no fundo um bello character, incapaz de uma patifaria.

Em historia, o dr. Abilio... Mas, basta! Basta!

E' bom que se saiba que eu não pretendo escrever a chronica do extincto lyceu de Faro, allias teria que contar as picarescas aventuras do velho Pereira, um excellente continuo, nada madraço, muito diligente, que emprestava dinheiro a juros até aos professores mas era incapaz de tecer intrigas e levantar calumnias como qualquer Escangalhado escriba da actualidade. Enfim, o conselho do extincto

lyceu nuuca foi, como lá diz o Poeta:

«O coaxar de rans em lodagal immundo».

Bons tempos! Então, hein? De tanto recordar o passado não me começaram chorando os olhos como se tivesse descascado uma cebolla?

Desculpem. Mas!... Ao demo as tristezas só agradáveis aos misantropos macambuzios da escola lysteriana!

Bem disse o Eça segundo aprendi do Heraldo, que o riso é proprio do homem!

E' sim senhor! E' claro que apenas se exceptuam, nisto de rir, os pedagogos marabús e avariados, alli de estabelecimento da alameda.

Esses, coitados, causam... riso! Voltemos ao Carnaval que antigamente se podia ver.

Agora, não sei se é por estarmos durante todo o anno em pleno Entrudo, que estes tres dias não tem piada alguma!

Se até vai passando a velha costumeira da recepção a mascarar!

Desde que o madamismo de meia tigella se metteu a recebe-las accentuou-se o fiasco!

Tambem foi providencial!

Não agradava nada faser sociedade em taes salas com o nosso carvoeiro, com o nosso padeiro e até com o homem da carroça do lixo!...

Por mero desfasio de chronista e para que fiquem devidamente registadas nestas correspondencias, vou, ainda assim, faser uma breve resenha das mascarar e mascaradas mais interessantes que por ali appareceram.

Limite-me, é claro, ás parodias allusivas que calcurriaram estas ruas nesses tres dias de folia desenfreada.

Cabe a primasia á Parodia do Ideal que me disseram ser uma engraçadissima charge ao celebre conselho tragico e onde tres ratões caracterisados a primôr cantavam este côro de entrada:

Nós somos, nós somos Os tres typos sem-eguals, Nenhum de nós tem nada a monos, Nenhum de nós tem nada a mais...

e etc., etc., por allí fóra, até que se adiantava o 1.º typo, um ratasana magrisella, fransino e loiro, de marrafinha á banda e olhos piscos e cantarolava:

Eu então para antigas Sou um habil, sou um artista, Logo á primeira vista As bellas mo apreciam Sei dizer phrases Buriladas de amor Eu sou um primôr... Eu sou um primôr Em... calligraphial

Pelo annunciado primôr calligraphico já o leitor adivinhou quem o máscara fingia ser. E se não adivinhou adivinhasse.

Mais versos edificantes elles cantavam mas nós, depois de esportarmos uns cobres, pusémo-nos a andar e em tão boa hora o fizemos que encontrámos, logo a seguir, o sr. Embirra, vestido de irmã da caridade e ao lado o seu inseparavel, de capote e chapéu alto, como o borracha sapateiro das Intrigas no bairro, cantarolando a meia vós:

Um tal conselheiro Da opposição Sim deu-mo dinheiro Apertou-mo a mão Dez libras mo deu Dez libras, que tall P'ra não dar as botas Ao cabo geral!

Está bem de ver que fizeram successo. Outras mascarar appareceram, mas tão andrajosas que nem d'ellas me occupo. O tempo esteve magnifico! Mal empregado!... Agora falemos, de nós.

A brutalidade da epocha, (pois estavamos no Entrudo) que não a minha, obrigou-me a um reservado silencio, que hoje quebro, perante as manifestações prestadas a Senanpidio, o obscuro chronista que semanalmente estampa no Heraldo mais do que o os successos occorridos, a historia das impressões do seu espirito (que tambem o tem e no seu logar, presa-se d'isso!)

Amigos varios lhe escreveram apreciando a sua prosa barbara, desemxabida, sem tom nem som e o Heraldo, descrevendo a historia do nariz através dos seculos deunos uma pagina de ensinamentos muito aproveitaveis nos tempos presentes.

Aqui fica assignalada a minha gratidão por tantos e tão immerecidos favores e... Ri-pô-pô e... continua.

Senanpidio.

MERCAADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Table with 3 columns: Item, Price, Unit. Includes items like Milho de regadio, Feijão raído, Chicharos, Grão, Favas, Ervilha, Aveia, Tremoço, Trigo broeiro, Centeio, Cevada, Sal, Amendoa côca, Alfaroaba, Aguardente, Vinho tinto, Vinagre, Azcete, Batata redonda, Carne de vacca, Ovos, Laranjas.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos: Hoja, 13—D. Maria Garcia Ramirez, D. Augusta Xavier da Silva Melto e Sabbo, José Francisco Travassos Neves.

Segunda, 14—D. Emilia Garcia Ramirez, conselheiro João Franco, Viriato Antonio Guarreiro e a meoira Brites Baptista Falcão.

Terça, 15—D. Rita Augusta Celorico Tamissa Barreira, D. Jovita Clara de Moura, dr. Malheus Teixeira d'Azevedo, Joaquim Eduardo dos Santos, Torpes José Appolonia, José Cortes Ferreira de Sousa e Antonio Ramirez.

Quarta, 16—D. Mario da Conceição Silveira Sant'Anna, Antonio Fernando do Rego Chagas.

Quinta, 17—D. Catharina Sanchez Ortigo, o menino Joaquim d'Avellar Santos.

Sexta, 18—Antonio Feliciano Trigos, Francisco José Maria de Lemos, Vasco Pereira de Campos.

Sabbado, 19—D. Angelina Contreiras Campos, D. Maria Euzenia Saller do Souza, José Antonio Padesca Braklamy.

Na terça feira retirou para Mafra o aspirante a official sr. João Carlos Guimarães.

Passaram n'esta cidade o domingo gordo os rev. Lucas Pacheco e André Lopes Terramoto, priores, respectivamente, das freguezias da Concoção de Tavira e Caccella.

Esteva quinta feira n'esta cidade o sr. Joaquim Antonio Pacheco, negociante em Olhão.

Acompanhando seu filho Sebastião, que regressou ao Collegio Militar, seguiu na quarta feira para Lisboa o sr. conselheiro Frederico Ramirez.

Acompanhado de sua esposa regressou hontem de Lisboa, onde fóra passar o carnaval com seu filho que alli viara de Coimbra, o sr. commandador Joaquim Thomaz Pires Correia d'Azevedo.

Partiram para Lisboa na quarta feira os srs. José Maria dos Santos Junior e Antonio Rodrigues Peres.

Acompanhado da sua esposa D. Margarida Costa Guerreiro, esteve na quarta feira em Villa Real de Santo Antonio o sr. dr. Candido Guerreiro.

Com sua esposa e mademoiselle Navarro, partiu hontem para Ayamonte o sr. D. Manoel Salesio Proinstroller, que aqui veira passar o carnaval e que só no mez proximo regressará definitivamente a esta cidade.

De visita a seu tio sr. Francisco de Paula Carapelo esteve domingo n'esta cidade o sr. João do Nascimento Guerreiro, de Loulé.

Encontra-se desda domingo em Tavira, retirando amanhã para Villa Real, o sr. Manuel Baptista Callega Junior, esposa a filha.

Esteve no domingo em Tavira o sr. José Martins de Sousa Caraga, de Loulé.

Com sua esposa, filhos e sua sobrinha D. Rachel esteve no domingo em Tavira o sr. João Abel Teixeira, da Loulé.

IN ILLO TEMPO...

(RECORDAÇÕES DA VIDA ACADEMICA)

I

In illo tempore, no tempo em que eu frequentava o 3.º anno de Direito, andava tambem em Coimbra, no 2.º anno da mesma faculdade, um rapaz já um pouco durasio, que viera do Brazil, a que nós chamavamos o Conselheiro, em athenção á sua figura um tanto obess, á sua pose cathedratice e principalmente aos seus apurados factos á futrica, com que de preferencia apparecia fóra das aulas.

O Conselheiro era um D. Juan temivel, namorava a tôrto e a direito mas—segundo rosnavam os maldisentes da Briosa, como quem diz da Academia,—o que elle sobretudo visava era obter um dote que o puzesse de futuro a coberto de... eventualidades.

Havia tambem lá por esse tempo e crejo que ainda ha, um mercador muito chic, muito dado ao sport—o Affonso de Barros—o qual tinha como contramesire do seu atelier um alfaiate, que estivera em Paris alguns annos, e que passava em consequencia d'isto por ser uma tesoura verdadeiramente artistica.

Lembro-me de que o Affonso de Barros, de quem eu era freguez, mostrava-se realmente meu amigo. Dava-me credito na sua casa, e estudante que eu lhe apresentasse tinha tambem credito, em harmonia com as minhas informações.

Eu retribuia-lhe a amizade, fazendo-lhe de vez em quando alguns réclames, que vinham publicados nas sebtentas que eu redigia então, de parceria com um rapaz, a quem ainda hoje me prendem os mais estreitos laços de amizade, e que é actualmente em Lisboa um dos mais illustres e considerados advogados da geração moderna.

Ora, num d'esses réclames, feito por uma occasião em que o Affonso de Barros mudou o seu estabelecimento de uma casa para outra, os rapazes pretenderam vêr uma allusão ao Conselheiro, por certas afinidades que se notavam entre elle e o personagen principal do réclame.

E vae d'ahi não lhe faltaram piadas, para as quaes elle teve durante bastantes dias um sorriso... um pouco amarello...

O réclame era o seguinte:

Verdadeira historia d'onde se mostra que de uma farpella bem feita depende muitas vezes a felicidade de uma pessoa.

Certo rapaz da Briosia Dizia ás vezes por graça Que, cá por coisas, ó rosa, Não qu'ria mulher formosa, Só qu'ria mulher... de massa.

Apesar d'esta piada, Passeava o dia inteiro Mesmo em frente da morada D'uma pequena prendada, Linda e com muito dinheiro.

Ella, porém, que sabia Quanto vale este conjunto, Raras vezes lhe apparecia; E o rapaz, quando a não via; Ficava como um pefunto.

Já não sabia—coitado!— Que fazer, e com razão, Pra conseguir resultado, Conquistando ao ente amado O marmoreo coração.

Sempre em torturas a mente, Um bello dia—era em maio— Elle exclama de repente: Eureka!... E in contenti Sae de casa como um raio.

Apenas chega á Calçada, Na loja do Barros entra E diz com a voz transtornada: —«Quero uma roupa apurada...» Disse e sae; nem cumprimenta...

O tailleur, que tem valor E a quem a arte sobeja, Cortou-lhe um fato a primor, Com tal queda p'ra o amor Que a todos causava inveja.

Pois, senhores, o rapaz,

Que até alli nada fazia, Andou p'ra deante e p'ra traz, Mas em breve sota e az Da pequena conseguiu.

Corren-lhe tudo a contento E casaram dentro em breve, Porém este casamento Diz elle a todo o momento Que só ao Barros o deve!

N. B.—Este Barros, de quem resa a historia, é o mesmo que ainda ha poucos dias mudou o seu estabelecimento dos n.ºs 140 e 149, da Calçada para os n.ºs 66 e 74 da mesma rua.

J. C.

Villa Real

Para a grande maioria da população d'esta villa o Carnaval este anno passou quasi desapercibido: nem mascaradas das ruas, nem bailes publicos. Dignas de registro apenas as diversões na Sociedade Democratica que aos socios proporcionou o convivio alegre de algumas horas durante os tres dias ultimos da Folia.

Na noite de domingo gordo houve no theatro da Sociedade um interessante espectáculo assim constituído: Anita e Antonito, duetto cantado pela menina Maria Emilia Ramirez e João Ramirez Cumbreira; Pires da Costa Paio, monologo por José Cumbreira; Proverbio Desmentido, monologo por D. Rosa Martins; Vou recitar, monologo pelo menino Sebastião Ramirez; Elegancia e Bom Tom, duetto cantado por D. Magdalena Garcia e Carlos Garcia; Situação Complicada, comedia em 3 actos desempenhada por D. Magdalena Garcia, D. Bertha Ghira, José Cumbreira e José Lima, acompanhado ao piano pela sr.ª D. Helena Ghira.

Na tarde de segunda feira gorda, pelas 2 horas, houve nas salas da Sociedade Baile Infantil que foi das mais interessantes diversões carnavalescas pelo acerto com que os pequenitos iniciadores da arte Therpshicore satisfiziam as marcas da quadriha, dirigida por Sebastião Ramirez.

Houve depois five o'clock tea que o programma impresso annunciava carnavalescamente para ás cinco horas da tarde.

Na noite de terça feira houve bal masqué na Sociedade, dançando-se até quasi de manhã.

PENHORES

Em harmonia com o artigo 1.º do decreto de 1 de outubro de 1900 se annuncia que no dia 14 e seguintes de março proximo se fará leilão de todos os penhores em atrazo de mais de 3 mezes de juros.

Tavira, 22 de fevereiro de 1910, 15 José Viegas Mansinho & C.ª.

CABELLEIRA PARA IMAGEM

Vende-se uma nova sem ser estreada. N'esta redacção se diz.

GUARDA FISCAL

CIRCUMSCRIPÇÃO DO SUL

O conselho administrativo faz publico, que no dia 8 do proximo mez de Março, pelas 12 horas da manhã, e no quartel da 5.ª companhia em Villa Real de Santo Antonio, procederá á arrematação em hasta publica para a construção d'um quartel para o posto fiscal da Mesquita, area da secção de Alcoutim.

O caderno d'encargos acha-se patente na secretaria da referida companhia em Villa Real de Santo Antonio todos os dias não santificados das 11 horas da manhã ás 4 da tarde.

A base da licitação é de réis 1.260.000.

Quartel em Lisboa, 7 de Fevereiro de 1910.

O Secretario do Conselho, (a) Antonio Caetano Erijo.

2.º sargento 16

